



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

JAKELLINE SANTA CRUZ MARTINS BARBOSA

ENSINANDO E APRENDENDO COM A LITERATURA DE CORDEL NO CARIRI
PARAIBANO

MONTEIRO – PB

2014

JAKELINE SANTA CRUZ MARTINS BARBOSA

**ENSINANDO E APRENDENDO COM A LITERATURA DE CORDEL NO CARIRI
PARAIBANO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof . Dr. Fábio Marques de Souza

MONTEIRO – PB

2014

B238e Barbosa, Jakelline Santa Cruz Martins
Ensinando e aprendendo com a literatura de cordel no cariri
paraibano [manuscrito] : / Jakelline Santa Cruz Martins Barbosa. -
2014.
29 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Fábio Marques de Souza,
Departamento de Letras".

1. Poesia popular 2. Interação. 3. Participação. I. Título.
21. ed. CDD 371.3

JAKELINE SANTA CRUZ MARTINS BARBOSA

**ENSINANDO E APRENDENDO COM A LITERATURA DE CORDEL NO CARIRI
PARAIBANO**

Aprovado em: ____ de _____ de 2014.

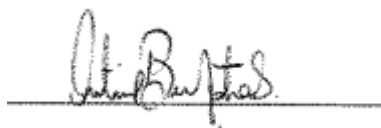
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Fábio Marques de Souza/ UEPB

Orientador



Prof. Dr.^a Cristina Bongestab / UEPB

Examinador



Prof. Ms. José Luiz Cavalcante/ UEPB

Examinador

“A cultura não se herda, conquista-se”

André Malraux

Ao meus pais, meu marido e meus filhos pelo apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado iluminação e sabedoria para chegar ao término desta longa jornada.

Aos meus amados e queridos pais João e Nilza (*in memoriam*) que esmo não estando presente fisicamente continuam no meu coração emanando força para seguir.

Ao meu amado Ulisses Barbosa que sempre esteve ao meu lado me encorajando nos momentos difíceis dessa tão sonhada vida, por me dar coragem e força para lutar. Te amo sempre.

Aos meus filhos, amor maior da minha vida, presente de Deus, por transmitir segurança para continuar sempre, apoiando-me e dedicando tanto amor e proteção.

As minhas irmãs com quem sempre posso dividir meus sonhos. Obrigado pelo carinho imensurável.

Ao meu orientador Professor Fábio Marques pela paciência, atenção e disponibilidade oferecida ao longo dessa caminhada.

Ao professor e cordelista Ary Prata pela atenção e colaboração na realização deste trabalho.

Com muito afeto, a minha amiga Lili pela amizade e companheirismo nos momentos de dificuldade, por me escutar e aconselhar. A você toda minha gratidão.

Resumo

Este trabalho tem por finalidade desenvolver uma análise acerca do emprego da Literatura de Cordel como ferramenta pedagógica. Nesse sentido, visa refletir sobre as contribuições dessa modalidade literária para diferentes ensinamentos e conteúdos curriculares vigentes em uma escola pública do cariri paraibano. Nosso trabalho se dividiu em coletar referencial teórico e pesquisa de campo de maneira corroborar a ideia do trabalho docente em conjunto com a cultura popular. A perspectiva de contextualização e do uso da tradição oral e poética do cordel representa uma dinâmica diferente de trabalho nas escolas do semiárido.

Palavras-Chave: poesia, popular, interação, participação, tradição.

Abstract

This study aims to develop an analysis about the use of Cordel Literature as a pedagogical tool. In this sense, aims to reflect on the contributions of this literary mode for different existing curricula and teaching in a public school Cariri. Our work is divided into theoretical framework to collect and field research in order to reinforce the idea of teaching work in conjunction with popular culture. The prospect of contextualization and use of oral poetic tradition of the string represents a different dynamic working in schools in the semiarid region.

Keywords: poetry, popular, interaction, participation, tradition.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	10
1.2 METODOLOGIA	11
1.2.1 Sujeitos da Pesquisa.....	12
2. LITERATURA DE CORDEL: CONCEITO E HISTORIOGRAFIA	13
3 REPENSANDO O CORDEL A PARTIR DA CULTURA POPULAR DO CARIRI PARAIBANO.....	17
4. A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA.....	19
4.1 PODEMOS ENSINAR COM O CORDEL?.....	20
5- O USO DO CORDEL NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL JOÃO DE OLIVEIRA CHAVES – MONTEIRO – PB.	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS.....	30

1- INTRODUÇÃO

A educação brasileira enfrenta na atualidade, o desafio de propor novas metodologias de ensino capazes de interagir no ritmo da corrida acelerada das novas tecnologias que se consolidam não apenas no cotidiano dos estudantes, mas também nas salas de aula e na sociedade como um todo.

A queda das fronteiras, resultado da comunicação virtual e das redes sociais, nova vertente de comunicação em massa, se tornou o apogeu da comunicação virtual e ditou para a sociedade e, conseqüentemente, para a escola, uma nova regra de interação que obrigou o espaço escolar a reorganizar suas metodologias e pedagogias de trabalho.

Ainda que se imagine o declínio das velhas dinâmicas de comunicação, tal como o texto impresso, é importante destacar a presença sólida de formas de comunicação ligadas ao folclore e tradição oral e cultural. Um claro exemplo é a Literatura de Cordel ou folheto de cordel como também é conhecido no Nordeste.

O cordel é uma das expressões culturais mais antigas e marcantes de que se tem registro. Nascida na Europa, na Idade Média, atravessou séculos resistindo ao tempo e as inovações através dos tempos. Isso pela sua característica própria e pela beleza natural e artística. Expressão da nossa cultura sertaneja e mecanismo de propagação dos grandes feitos, histórias, estórias ou tão somente contos e lendas do nosso imaginário popular.

A literatura de cordel é tão presente em nossa cultura que faz parte do nosso cotidiano, sendo identificado facilmente por estudantes de diferentes idades e classes sociais. Por ser uma manifestação comum da nossa tradição popular, o cordel interage em perfeita consonância com as novas tecnologias digitais e virtuais. Seus traços artesanais e românticos não sucumbiram ao designe tecnológico tornando o folheto uma expressão cultural cada vez mais autêntica da nossa gente.

A escola moderna, em seu desafio de ofertar novos paradigmas de educação, pode encontrar na literatura de cordel, uma ferramenta metodológica cativante, que mesmo de encontro às novas tecnologias, é capaz de colaborar no processo de didático de ensino e aprendizagem fazendo uso do reconhecimento da nossa cultura e tradição através das rimas e das cantigas de viola.

Nos anos em que me dediquei a lecionar, o espaço escolar era bem diferente deste da atualidade. As cantigas de viola, as cirandas e a própria literatura de cordel representavam os momentos de diversão e prazer, não sendo percebidos como uma ferramenta didática. Ao

longo da minha profissão, estabelecemos diferentes parâmetros de acordo com as leis e as orientações vigentes. Ao tempo em que a escola se modernizava, o cordel mantinha seu papel social e sua característica comum, inalterada.

Em meio às tantas novidades oferecidas pela tecnologia, esta pesquisa se propõe a investigar a literatura de cordel como ferramenta pedagógica, uma ferramenta de interação entre os conteúdos curriculares e os estudantes, além de possibilitar um espaço mais dinâmico dentro da sala de aula.

A nossa proposta é buscar e relatar experiências capazes de corroborar a ideia de se trabalhar a literatura de cordel nas salas de aula, não somente para o exercício dos conteúdos curriculares, mas também o exercício da cidadania e da arte na educação escolar.

A nossa investigação se apoiará em um referencial teórico e na pesquisa de campo, onde, oportunamente, demonstrará os resultados do uso da literatura de cordel como ferramenta pedagógica.

Esperamos ao final deste trabalho, poder sensibilizar educadores e pesquisadores acerca dos benefícios de se empregar a cultura popular e o cordel como recurso de aprendizado e interação com os saberes e com as nossas tradições orais e culturais.

1.2 METODOLOGIA

Partindo da premissa de que a literatura de cordel é capaz de proporcionar possíveis benefícios como recurso pedagógico, esta pesquisa assume uma característica social adotando-se então, uma ordenação racional que passou a orientar a construção desta pesquisa. Desta forma, destacamos abaixo os procedimentos utilizados para consolidação da investigação aqui proposta.

Nossa primeira proposta de estudo é a pesquisa de abordagem qualitativa, com intenção de levantar fundamentação teórica baseada em produções científicas referentes ao uso da literatura de cordel nas salas de aula. Segundo Talyon & Bogdan (1987 p. 20, 23) “A investigação qualitativa é uma arte, não possui procedimentos rígidos e refinados. Este tipo de pesquisa possibilita ampliar o universo de investigação “considerando as pessoas e experimentando o que elas sentem em suas lutas cotidianas na sociedade”. Também serão utilizadas outras fontes de pesquisa como artigos em jornais, dissertações, artigos acadêmicos, livros, teses e sítios virtuais.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual João de Oliveira Chaves, no município de Monteiro – PB, na perspectiva de se analisar o uso do cordel pelos estudantes do ensino fundamental.

O instrumento utilizado no processo de coleta de dados foi um questionário por considerar que o mesmo “é a forma mais usada para coleta de dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja [...], o próprio informante preenche [...] e pode ser aplicado a um maior número de indivíduos.” (CERVO; BERVIAN, 1983, p159). Portanto, o questionário foi composto de perguntas abertas e proporcionou uma maior aproximação com os sujeitos da pesquisa.

A análise dos dados foi realizada na perspectiva de análise de conteúdo, em concordância com Bardin (1977) ao elucidar que esta análise pode ser entendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, [...], indicadores [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.” (BARDIN, 1977, p.42). Do ponto de vista analítico instrumental este conceito será fundamental para compreensão dos dados fornecidos nas entrevistas e para a extração de indicadores.

1.2.1 Sujeitos da Pesquisa

Escolhemos aplicar questionário com 03 (tres) professores e 08 (oito) estudantes pertencentes à escola alvo de estudo. Os professores foram selecionados por atuarem na área de humanas, e por lecionarem nas turmas selecionada, no caso, o 1º ano do Ensino Fundamental. Os estudantes, também foram selecionados nas referida turmas. Os sujeitos serão identificados como “Professor I”, “Professor II” e “Professor III”, “Estudante I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII”.

2. LITERATURA DE CORDEL: CONCEITO E HISTORIOGRAFIA

De acordo com Silva (2008) em “Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel”, a literatura de Cordel já existia na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, etc. Tendo chegado a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na península, a literatura de cordel recebeu os nomes “*pliegos sueltos*” (Espanha) e “folhas soltas ou volantes” (Portugal).

O cordel se diferencia das diferentes manifestações literárias por suas características singulares, a exemplo das sextilhas (versos formados por seis pés heptassílabos), as quadras (quatro pés heptassílabos) e a expressão *pé quebrado*, que é utilizada quando o pé apresenta problemas métricos. Os cordéis foram elaborados, no início, a partir de quadras, mas são as sextilhas a forma predominante na atualidade. Os folhetos impressos no Nordeste medem geralmente 11X15,5 cm – uma folha de papel ofício dobrada em quatro partes.

Parafraseando Prata (2011) a literatura de cordel, no auge do seu apogeu, final do século XIX e início do século XX; teve sua existência desacreditada por muitos críticos literários, dentre estes, o folclorista Silvio Romero, que dizia que os folhetos estavam condenados à morte por causa do advento e distribuição de periódicos pelo interior do país, na década de 1930, outros pesquisadores fizeram a mesma afirmação, culpando, dessa vez, o rádio. Nos anos 1960, foi a vez da televisão, ambos não tiveram razão e o cordel manteve-se presente desde então, tornou-se mais sólido culturalmente e nos dias atuais vem ganhando mais espaço nos centros de pesquisa e estudo e vida social. Hoje, estamos no século XXI e tudo leva a crer que a produção de literatura de cordel está longe de desaparecer

Compactuando com o pensamento de Viana (2010), a literatura de cordel brasileira surgiu de maneira tardia, porque antes da vinda da Corte Portuguesa, em 1808, era proibida a existência de prelos aqui no Brasil. A poesia popular oral ou manuscrita, que já existiu desde os tempos de Agostinho Nunes da Costa, Hugolino de Sabugi e Inácio da Catingueira, só viria a se servir dos tipos móveis quando o poeta Leandro Gomes de Barros mudou-se da Vila de Teixeira, na Paraíba, para Vitória de Santo Antão – PE, e passou a editar os primeiros folhetos nas tipografias de Recife.

Parafraseando Silva (2010), a literatura de cordel é um gênero muito cultivado na região nordeste do país, passando por modulações que atestam sua sobrevivência, em meio às inovações tecnológicas que afetaram as publicações. Segundo Marcia Abreu (1999), “[...] a literatura de folhetos nordestina apresenta-se como peça importante para a veiculação do

panorama cultural do rural que se direciona as cidades próximas e aos grandes centros urbanos”. A autora destaca também que:

No final dos anos oitocentos, parte do universo poético das cantorias começa a ganhar forma impressa, guardando entretanto fortes marcas de oralidade. Não se sabe quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática. Em folheto editado em 1907, ele afirmava escrever poemas desde 1889 (SILVA, 2010, p. 23).

De acordo com Prata (2011), é interessante ressaltar a importância de Leandro Gomes de Barros para a literatura de cordel e para a cultura não somente popular, mas para a cultura clássica também denominada, cultura universal. Leandro Gomes de Barros é considerado o “pai da literatura de cordel brasileira”, nascido na fazenda Melancia, em 19 de novembro de 1865, em Pombal – PB, foi o responsável pelas primeiras impressões da poesia popular no nordeste, no limiar do século XX e o mais importante poeta de seu tempo, escreveu folhetos de cordel de grande aceitação popular a exemplo da “História da Donzela Teodora, Juvenal e o Dragão, A Vida e o Testamento de Cancão de Fogo, O Boi Misterioso e muitos outros. Como pioneiro na produção de literatura de cordel no nosso país, Leandro Gomes de Barros foi considerado por Luis Câmara Cascudo “o mais lido de todos escritores populares” e na atualidade, é alvo de estudos e pesquisas.

A obra e genialidade de Leandro Gomes de Barros não passou despercebida também no cenário literário nacional, muitos críticos registraram sua admiração pela obra do poeta de Pombal, e por ocasião de uma eleição que elegeu o “Príncipe dos Escritores”, realizada em 1913, pela revista Fon-Fon, na qual fora eleito Olavo Bilac; Antonio Carlos Drummond, registrou seu desacordo em matéria publicada no Jornal do Brasil em 1976:

Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado a má informação porque o título, a ser concedido, só poderia caber a Leandro Gomes de Barros, nomes desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista FON-FON, mas vastamente popular no Nordeste do País, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor de “Ouvir Estrelas”. [...] E aqui desfaço a perplexidade que algum leitor não familiarizado com o assunto estará sentindo ao ver defrontados os nomes de Olavo Bilac e Leandro Gomes de Barros. Um é poeta erudito, produto da cultura urbana burguesa média; o outro, planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Aquele tinha livros admirados nas rodas sociais, e os salões o recebiam com flores. Este, espalhava seus versos em folhetos de cordel, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos na feiras a um público

de alpercatas ou de pé no chão. A poesia parnasiana de Bilac, bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem-estar social, bebia inspiração européia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder político, econômico e mundano. A de Leandro, pobre de ritmos, isenta de labores musicais, sem apoio livresco, era o que mais tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta, e necessitados de ver convertida e sublimada em canto a mesquinaria da vida (...). Não foi príncipe dos poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil em estado puro.” (ANDRADE, 1976, p. 12).

A partir deste posicionamento de Drummond, nos revigora o espírito sertanejo e nosso orgulho pela poesia popular se engrandece e se torna mais vívida. A literatura de cordel, não somente na obra de Leandro Gomes de Barros, mas na sua totalidade, encontra, nas palavras coerentes de Antônio Carlos Drummond, o respaldo crítico necessário à sua aceitação na educação no semiárido.

A comunicação entre os povos na idade média se dava, em geral, através da oralidade. A leitura era um privilégio de nobres e da igreja. As camadas sociais baixas, ou seja, as massas simples com ofícios de cuidar da terra e dos animais encontravam no discurso oral, uma maneira de informação e divertimento nas histórias lutas, feitos heroicos e animais míticos. Como descreve Luyten:

A cultura popular se dá em sociedades em que há elite e povo participando de manifestações comuns como língua, religião, composição étnica e assim por diante. As manifestações populares se darão, em sua grande maioria, de forma oral. É que a comunicação em nível popular, na realidade, significa troca de informações, experiências e fantasias de analfabetos ou semiletrados com seus semelhantes” (LUYTEN, 2005, p. 24).

Assim, desde tempos remotos, percebemos como a oralidade se enraizou em nossas culturas e como ainda se faz presente nos dias atuais. A literatura de cordel tem esta característica oral e escrita. Pelo folheto podemos interagir com a leitura e com a oralidade.

A narrativa é o foco do cordel, por esta vertente os poetas podem discorrer sobre os mais diversos conteúdos imagináveis. A nossa região nordeste é considerada um local privilegiado em se tratando de narradores: cantadores, poetas de cordel, contadores de histórias, são todos considerados grandes narradores que estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar, constituindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias de vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho (GUILLEN *apud* GRILLO 1985 p.148).

O maior narrador da vida e do cotidiano nordestino é sem dúvida o poeta de cordel, quase sempre um homem de pouca instrução, mas com uma talentosa capacidade de contar histórias. Pelos seus folhetos e a sua oralidade, possibilita uma viagem a novos mundos, documentários ou simplesmente histórias com final feliz. Sobre os folhetos e a relação entre oralidade e escrita, conforme Andrade (2009), os folhetos de feira representam um fenômeno vivo do Nordeste brasileiro rompendo a barreira ou a dicotomia: escrita X oralidade. Outra enorme dicotomia que aqui aparece a propósito da poesia, literatura, criatividade, é entre a oralidade e a escrita. O alfabeto, ou seja, a tecnologia da escrita é de fato tão poderosa e perigosa que durante séculos as grandes majorias não tiveram acesso – a exemplo disso, os camponeses franceses vítimas da repressão contra a literatura azul (este recurso extraordinário de alfabetização, até numa “sociedade sem escola”, foram proibidos e destruídos pela polícia na França dos séculos XVII e XIX, esses folhetos franceses eram então chamados de “biblioteca azul” - *bibliothèque bleu*), conforme a cor das capas do cordel Frances.

3 REPENSANDO O CORDEL A PARTIR DA CULTURA POPULAR DO CARIRI PARAIBANO

Discutir os benefícios e a leveza poética da literatura de cordel, sem tomar como referencial a nossa região do cariri paraibano seria um erro primário. As nossas características de semiárido associada à nossa conjuntura social, política e folclórica servem de base e de inspiração para os poetas cordelistas. Existem muitos cordéis que retratam nosso bioma, nossas riquezas naturais e sociais, bem como nossas dificuldades ante uma sociedade que despreza nossos valores, nossa geografia e cultura. Assim como nos encanta o poeta João Paraibano, quando nos diz:

Estava no sertão
Debruçado em minha rede
Olhando o açude seco
Com dois rachões na parede
E a abelha no velório
Da flor que morreu de sede (MELLO, 2011, p. 13).

O poeta, na sua eloquência, nos faz refletir sobre as nossas belezas naturais e também os problemas climáticos que castigam os nativos. Ainda sobre as estiagens denunciam o êxodo e as mazelas sociais, pela poética popular, o grupo pernambucano Cordel do Fogo Encantado:

Meu povo não vá simhora
Pela Itapemirim
Pois mesmo perto do fim
Nosso sertão tem melhora
O céu ta calado agora
Mas vai dar cada trovão
De escapulir torrão
De paredão de tapera (MELLO, 2011, p. 13).

Diante de diferentes exemplos e para diversas finalidades, o cordel se mostra uma literatura que carrega em seu bojo, a essência da nossa gente e pelo qual podemos transmitir diferentes mensagens e ensinamentos. Sobre o cordel, acrescentou o escritor baiano Jorge Amado:

Nascida do povo e por ele realizada, a literatura de cordel corresponde às necessidades de informação, comentário, crítica da sociedade e poesia do

mesmo povo que a concebe e consome. É, ao mesmo tempo, o noticiário dos fatos mais importantes que ocorrem no mundo, no país, no estado, na cidade, no bairro, e sua interpretação do ponto de vista popular. É, ao mesmo tempo, a crítica por vezes contundente e a visão poética do universo e dos acontecimentos. É puritana, moralista, mas igualmente cínica e amoral, realista e imaginosa – dentro de suas contradições perdura a unidade fundamental do choque da cultura e da vida do povo com a sociedade que limita, oprime e explora as populações pobres e trabalhadoras. Pode-se dizer, em resumo, que a literatura de cordel é uma arma do povo contra seus inimigos (JORGE AMADO, *apud*, MEDEIROS 2002 p.26).

Assim, tanto a literatura popular e uma maneira geral como a literatura de cordel, seguem o caminho de encanto, resgate e defesa da nossa identidade de povo do semiárido. Sua mensagem em rima e linguagem simples pode ser usada como contribuição e ferramenta pedagógica de ajuda para a contextualização renovadora da educação no semiárido brasileiro.

4. A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA.

Com o propósito de ofertar uma nova dinâmica de ensino, capaz de interagir com os conteúdos curriculares, não podemos deixar de prestigiar a literatura de cordel, pois, parafraseando Viana (2010), desde que surgiram os primeiros folhetos impressos, no último quartel do Século XIX, a Literatura de Cordel tem sido uma poderosa ferramenta de alfabetização e incentivo à leitura junto as populações carentes do Nordeste. O cordel esteve presente e narrou os mais diversos eventos históricos, sociais, geográficos e culturais do nosso país, tornando-se então, não somente um veículo de divertimento mas também, de informação pura, com uma característica singular de transmitir a informação: a rima. Sobre esta abordagem, nos ensina campos (1977):

Levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado. E quando em nosso país for tratado seriamente a questão da educação do trabalhador, os professores e assistentes sociais poderão encontrar na Literatura de Cordel, valioso auxílio para o bom êxito das tarefas (CAMPOS, 1977, *apud*, VIANA, 2010, p. 12).

É pela rima e pela maneira simples e objetiva, crítica e ao mesmo tempo agradável que o cordel consegue preservar a atenção dos leitores e com isso criar uma situação em que a informação é repassada de maneira prazerosa e astuta, diferenciando-se dos textos didáticos pouco atrativos para os nossos estudantes.

Não é nossa intenção nem cabe ao momento, fazer comparações entre a literatura de cordel e o livro didático, é importante que se esclareça que esta pesquisa visa apontar os benefícios no emprego da literatura de cordel nas salas de aula do semiárido, uma vez que, nas palavras de Viana (2010), cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da região Nordeste, pela literatura de cordel. Esse poderoso veículo de comunicação popular, que oportunamente fora chamado de “professor folheto” e tem sido responsável, durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos. O cordel possibilita a reescrita da realidade e das potencialidades, labuta e adversidades, magia e fé dos nativos do semiárido. Por assim ser, o folheto mantém uma relação de comprometimento com o nordeste e com a educação:

A alfabetização, enquanto ato político, é ato de conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra, simultaneamente com a leitura e a reescrita da realidade (FREIRE, *apud*, RAMEH 2003 p. 25).

Freire (1996) também nos traz o seguinte ensinamento:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista (FREIRE, *apud*, MACÊDO, 2003, p. 39).

Diante dos ensinamentos do grande educador, percebemos, nas páginas dos cordéis, a retratação dos desejos e sonhos, do calor e da alma do povo nordestino. Cada história carrega em sua composição um pouco de cada habitante e de sua vida no semiárido.

É de suma importância, parafrasear aqui, o pensamento de Brandão (2008), que nos ensina que, nas culturas populares existem formas de educação extra-escolar, cujo valor apenas agora começamos a descobrir. Tal como acontece com os povos indígenas, cantando e dançando, vendo como-se-faz-e-fazendo, jogando e trabalhando ao lado dos “mais velhos”, os “mais jovens” convivem com aprendizados simples e complexos que vão dos segredos do plantio do milho até os de uma folia de Santos Reis.

Brandão (2008) ainda nos explica que a educação utilitária e instrumental das escolas seriadas acompanhou toda uma vertente dominante no pensamento ocidental e deixou que duas quebras dramáticas fossem e sigam sendo consumadas. Uma é a *cientificação* crescente do conhecimento. Outra é a desqualificação de outras culturas e, sobretudo, as culturas populares, em nome de formas únicas e pretensamente civilizadas e eruditas do saber e do viver.

Temos perdido pouco a pouco um sentido arcaico e interativamente integral da vocação humana na criação de suas experiências de cultura. Temos sido levados a pensar que apenas o conhecimento oficialmente ocidental e científico, originado em centros consagrados do saber competente, é válido, útil, confiável. É portanto, apenas o que provém dele e das ciências oficiais que o conduzem que deve ser ensinado de fato nas escolas. Desaprendemos a lição de que não cabem nos limites das ciências oficiais a nossa vocação e a nossa capacidade de buscar respostas às nossas perguntas, de encontrar sentidos múltiplos e polissêmicos para as vidas, de entretecer compreensões e interpretações sobre os seus mistérios e os do mundo.

4.1 PODEMOS ENSINAR COM O CORDEL?

Em 1970, o jornalista pernambucano Ivan Maurício interrogou Paulo Freire com a seguinte pergunta: Qual a melhor maneira de se memorizar uma informação? O grande educador Paulo Freire respondeu que “rimando e de preferência cantando!”. Ele revelou que

ninguém esquece versos ou músicas recitadas na infância e que a literatura de cordel e as músicas são excelentes formas de aprendizado e que deveriam ser utilizadas na alfabetização de crianças e adultos. No entanto, segundo PINHEIRO (2007): “De todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula” (p. 17).

É de comum entendimento o descaso com a poesia popular, de uma maneira generalizada e de forma mais acentuada com a literatura de cordel. Esse gênero literário tão explorado ao longo dos anos e muitas vezes rechaçado pela cultura elitista, sobreviveu e na atualidade apresenta as mais diversas provas de sua contribuição para a alfabetização, incentivo à leitura e auxiliador no processo de ensino e aprendizagem.

O professor Veríssimo de Melo (1983), no estudo introdutório que escreveu para *Literatura de Cordel – Antologia*; destaca que outro papel importante exercido pelo folheto diz respeito à sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta missão social. Corroborando estas afirmações, descreve ELIOT:

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade (ELIOT apud PINHEIRO 2007 p.22).

Há alguns anos, o Ministério da Educação – MEC, orienta a adoção e uso do Cordel nas escolas do país e os debates e ações voltadas para a contextualização da educação para convivência com o semiárido brasileiro corroboram com o ideal do uso da literatura de cordel como exemplo de contextualização da educação. A literatura de cordel já é, atualmente, cobrada em vestibulares e representa uma nova postura em relação à aceitação e reconhecimento da literatura popular pelo meio acadêmico.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Brasil (2006), elaboradas pelo Ministério da Educação – MEC, nos fundamentos apresentados no capítulo 2, referente aos conhecimentos de literatura, nos orienta que a literatura, enquanto discurso literário, garante o exercício da liberdade, conforme afirma Osakabe (2004):

A literatura pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com o domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo (OKABE, 2004, *apud* BRASIL, 2006, p.49).

Além disso, a literatura de cordel, enquanto arte, educada para a sensibilidade e sua linguagem comum permite um reconhecimento estético “mediante o gozo da liberdade que só a fruição estética permite” (p. 53). Permitir o uso da literatura de cordel nas salas de aula, com sua liberdade de expressão e características populares do povo do semiárido é respeitar a condição de letramento literário a que os estudantes estão envolvidos. Nesse sentido, as OCEM (BRASIL 2006) defendem o letramento literário do aluno, isto é, formar um leitor literário crítico que se aproprie do texto literário, tornando-o significativo, pois é seu direito. As orientações definem o “letramento literário” como “estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler ou escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (p.54,55).

A literatura de cordel, nesse contexto, pode auxiliar muito o docente na prática educativa em sala de aula. Esta ação não configura uma ruptura nas metodologias tradicionais, e sim, na ressignificação das práticas pedagógicas com foco voltado para a contextualização da educação, na criação de novas práticas pedagógicas, como nos ensina Meurer (2002):

Nesse contexto de trocas materiais e culturais, de busca pela informação e posterior utilização desta para construção do conhecimento, a linguagem de inscrever como sistema mediador de todos os discursos. Em função dessa potencialidade de mediar nossa ação sobre o mundo (declarando e negociando), de levar outros a agir (persuadindo), de construir mundos possíveis (representando e avaliando), aumenta a necessidade e a relevância de novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textuais e aos requisitos de um letramento adequado ao contexto atual (MEURER, 2002, p.10).

Diante do que foi investigado e a partir das diferentes pesquisas teóricas e práticas realizadas por diferentes pesquisadores e educadores, podemos reafirmar a eficácia da literatura de cordel nas escolas, pois, cabe a nós professores, nos afastar de pensamentos preconceituosos, elitistas e totalmente errôneos em relação ao uso do cordel nas salas de aula.

5- O USO DO CORDEL NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL JOÃO DE OLIVEIRA CHAVES – MONTEIRO – PB.

Desde muito cedo, meu gosto pela poesia e em particular, pela literatura de cordel floresceu de maneira contínua. Após as primeiras leituras nos mais diversos tipos de cordéis e suas mais variadas histórias, o meu contato com o mundo da leitura tornou-se cada vez mais sólido e prazeroso.

Progressivamente, minha relação com a literatura de cordel ganhou novos aspectos e sua utilização, passou a ser, não somente para uso pessoal e sim, para “uso profissional”, quando, em diversas oportunidades, pude utilizar o folheto de cordel em aulas e eventos pedagógicos e culturais. Desde então, a literatura de cordel tem sido parceira em minhas atividades docentes e os resultados têm sido cada vez mais positivos.

O educandário objeto de nossas análises é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João de Oliveira Chaves, localizada na cidade de Monteiro, Cariri Ocidental paraibano. Pertencente à V Gerência Estadual de Ensino, única escola a ofertar o ensino médio regular e EJA (Educação para Jovens e Adultos), na referida localidade. Com um contingente de aproximadamente 800 alunos divididos no ensino fundamental e médio; a escola funciona nos três turnos; dispõe de 1 (um) laboratório de informática, 1 (uma) cozinha, 1 (uma) sala de multimídia, 1 (uma) biblioteca e 7 (sete) salas de aula. O corpo docente é formado por professores graduados, alguns com especialização em pedagogia, em educação ou na área de atuação. Os estudantes são todos moradores do município sendo que frequentam à instituição escolar, estudantes da zona urbana e um relevante número de estudantes da zona rural.

Para reunir dados que pudessem solidificar nossa pesquisa, escolhemos elaborar um questionário com perguntas referentes à temática estudada, sendo o próprio, aplicado com docentes e estudantes da escola em questão. O referido questionário fora respondido por 03 (três) docentes da área de humanas, que lecionam na turma escolhida para estudo, sendo identificados como “Professor I”, “Professor II” e “Professor III”. A turma escolhida foi o 1º ano do Ensino Médio no turno diurno, a turma é composta de 42 (quarenta e dois) alunos, deste total, 08 (oito) estudantes participaram da nossa pesquisa são identificados como “Estudante I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII”.

O questionário aplicado com os docentes e discentes, foi composto de perguntas simples e objetivas acerca da leitura, gosto, entendimento e contribuição (na opinião dos entrevistados) do cordel para o aprendizado dos alunos. Acerca do conhecimento dos

docentes em relação à Literatura de Cordel e seu uso nas salas de aula, destacamos as seguintes respostas:

A literatura de cordel configura uma parceria que pode dar certo uma vez que os alunos se prendem a leitura e questionam com maior frequência (Professor I).

O cordel é um aliado das aulas de história (Professor II).

Ensinar através da rima é empolgante e os alunos se concentram na leitura poética (Professor III).

Diante destes primeiros exemplos, podemos perceber que os docentes têm uma percepção positiva em relação ao uso do cordel em suas atividades docentes e também na profissão, de maneira que pressupomos que ambos “recomendam” esta metodologia. Quando questionamos os alunos acerca dos conhecimentos sobre a definição da literatura de cordel, colhemos as seguintes respostas:

É muito bom o cordel, é engraçado e dá pra memorizar tudo (Estudante I)
Sim eu gosto. É muito legal e emocionante (Estudante II).

É uma poesia característica do nordeste e muito bom (Estudante III)

Pra mim o cordel representa a nossa cultura (Estudante IV)

É uma literatura inventada no nordeste e é muito bonita (Estudante V)

Eu gosto do cordel porque ele me faz imaginar coisas boas (Estudante VI)

O cordel é um exemplo da nossa cultura e criatividade (Estudante VII)

Ele existe há muito tempo. Eu aprendo muito com o cordel (Estudante VIII)

É importante observarmos a simplicidade e a objetividade nas respostas dos estudantes, uma vez que um dos aspectos positivos no emprego do cordel, é, de fato, sua linguagem objetiva e precisa, que, na maioria das vezes, se apoia em costumes culturais populares e traços da nossa identidade social e local. Como bem define Eleonora Gabriel (2008), quando diz que a identidade cultural se relaciona a aspectos de nossas identidades que surgem do “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, sobretudo, nacionais.

Os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João de Oliveira Chaves, em resposta ao nosso questionário, responderam sobre o interesse dos seus estudantes em relação à literatura de cordel:

Eles realmente se concentram e viajam no imaginário do cordel (Professor I). Demonstram interesse e contribuem com o andamento das aulas (Professor II). Dificilmente um aluno se nega a fazer parte da leitura do cordel (Professor II).

A partir desta análise, percebemos pelas afirmações dos professores, que os estudantes demonstram curiosidade e interesse quando o recurso didático é o cordel. Também podemos perceber que existe um “dinamismo” nesta prática, uma vez que um “enriquecimento didático” nas aulas é descrito por um dos professores.

Sobre a recepção da literatura de cordel pelos estudantes da referida escola, questionamos se os mesmos achavam o cordel uma leitura interessante. Destacamos as seguintes respostas:

Sim. Pois nos transmite diferentes histórias de diferentes lugares e culturas (Estudante I).

Sim. É envolvente e divertido (Estudante II).

Sim, Ainda que as vezes tem alguns que são grandes e a gente se ´perde na história, mas é muito difícil de acontecer (Estudante III).

Sim. Porque é empolgante e transmite o assunto de uma maneira diferente (Estudante IV).

Ainda que eu não goste muito de ler, o cordel não cansa muito (Estudante V).

Sim, por que da pra memorizar o assunto (Estudante VI).

Sim, com o cordel é diferentes, a gente ri e aprende bastante (Estudante VII)

Sim, o cordel não é só brincadeira, as vezes são tristes também, depende da história (Estudante VIII).

Podemos considerar, pelas palavras de mestres e principalmente, de estudantes, os benefícios na leitura do cordel. O hábito de leitura e a informação são características desta prática e são, claramente, reafirmados nas respostas acima. Para podermos identificar os processos significativos do uso do cordel pelos alunos, interrogamos se os mesmos os liam e se conseguiam memorizar alguma nova informação sempre que faziam uso do folheto de cordel na escola. Destacamos as seguintes colocações:

Sim. Na maioria das vezes sim (Estudante I).

Sim. Pois é muito envolvente (Estudante II)

Sim. Sempre consigo sem muita dificuldade (Estudante III)

Sim, pois é só ler mais de uma vez e da pra decorar (Estudante IV).

Só não memorizo os versos todos, mas o principal sim (Estudante V).

Sim, com certeza (Estudante VI)

Sim, porque com a rima fica mais fácil (Estudante VII)

Sim, o desenrolar da história permite que decoremos (Estudante VIII).

Embora o ator “rima” seja determinante e comum neste processo, o cordel vai muito além das rimas no processo metodológico e didático. Pelas afirmativas positivas é fácil concluirmos que os alunos se sentem à vontade com esta literatura. Os estudantes, também

responderam se desejavam ter o cordel como ferramenta pedagógica de auxílio utilizada com mais frequência na sala de aula:

Sim. Pois além de ensinar tornaria a aula mais alegre (Estudante I).

Sim. Com toda certeza (Estudante II)

Sim, seria uma estímulo a mais para aprender (Estudante III)

Sim: eu gostaria muito (Estudante IV).

Sim, porque o livro é muito cansativo o cordel não (Estudante V)

Sim, porque seria mais divertido (Estudante VI)

Sim. Porque além de aprender poderia praticar mais a leitura (Estudante VII)

Sim, as aulas ficariam mais emocionantes (Estudante VIII).

Diante de todas as respostas acima citadas, a alegria com o uso do cordel se fez evidente em quase todas as respostas. Embora tudo pareça um mar de rosas, é importante ressaltar que uma pequena parcela dos estudantes chega ao ensino médio predispostos à leitura seja a maneira que for. É no ensino fundamental que devemos concentrar nossa atenção com a leitura e como devemos abordar esta prática para as crianças, para que estas não sejam condenadas à indiferença à leitura. Como bem nos explica Joel Rufino:

(...) que a criança ao chegar na escola tem grande capacidade de fabulação (...) de inventar histórias, de ouvir e contar histórias, Isso é anterior à leitura, ao conhecimento do livro. E a escola (...) tem horror à fabulação, rejeita a capacidade de fabulação da criança. (...) Quanto mais a criança sobe na carreira escolar; menos gosto ela tem pela literatura, menos ela gosta de ler; ouvir e contar história. Então, pode-se dizer; nesse sentido específico, que a escola é o túmulo da literatura. (RUFINO, 1994 p. 42).

Portanto, parafraseando Prata (2011) cabe a nós, docentes, estudantes, pesquisadores, sujeitos inseridos no contexto escolar; reorganizar nossos conceitos sobre literatura e sobre cultura. Cabe a nós, reinventar nossas práticas pedagógicas e abrir nossas mentes e corações de maneira que a educação transformadora possa colher os frutos do sucesso em nossas escolas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando às considerações finais deste trabalho, ficamos confortados pela grandiosidade do tema e da percepção cultural que os nossos alunos demonstraram. O poder da cultura popular, da literatura de cordel e o encantamento que a rima é capaz de proporcionar nos trazem a certeza de que a proposta é válida e pode ganhar diferentes conceitos e funcionalidade na sala de aula.

Esperamos enquanto educadores, termos contribuído, por menor que pareça, para a reorganização do espaço escolar e das metodologias de ensino, bem como, para as novas propostas de desenvolvimento da educação no Nordeste.

Seguimos em frente com a certeza de que a pesquisa é necessária mais e mais, não somente para aprofundar a temática mas também para propagar a beleza das nossas vertentes culturais e poéticas. Como educadores e pesquisadores, nos comprometemos em não parar de questionar e de buscar por novas respostas e horizontes capazes de transformar o nosso trabalho e inspirar colegas e os nossos estudantes.

Aos nossos alunos, a certeza de que estamos caminhando na direção certa e que o aprendizado é construído na prática, na dialética e no comprometimento. Na interação que resulta em boas práticas e exemplos que devem ser seguidos e superados.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Leandro, o poeta. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1976.
- ANDRADE, José Maria Tavares de. **Complexidade: educação, cultura e civilização**. Recife. UFPE, 2009.
- BRAGA, Medeiros. **Cordel ao Educador Paulo Freire**. Mossoró: Queima-Bucha, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura Popular e Educação, Salto para o Futuro**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- _____, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal; Câmara dos Deputados, 1988.
- FORTALEZA, Zé Maria de. **A Gramática em Cordel**. Mossoró: Queima-Bucha. 2008.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. **O Cordel Como Fonte Documental para o Ensino de História**. Curitiba: UFPR, 1985.
- LUYTEN, Joseph Maria. **O que é a Literatura de Cordel**. São Paulo. Brasiliense, 2005.
- MEDEIROS, IRANI. **No Reino da Poesia Sertaneja**. João Pessoa: Ed Universitária, 2002.
- MELO, Veríssimo de. **Literatura de Cordel: antologia**. Organização e notas de Ribamar Lopes. 2. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1983.
- MELLO, Marcelo. **Marcelo Melo web: site pessoal**. Disponível em: <www.marcelomelloweb.cjb.net>. Acesso em: 15 ago 2011.
- PANELAS, Oliveira de; SILVA, José de Souza. **Outra visão, Outro Sertão**. Campina Grande, INSA, 2011.
- PRATA, Arysttótenes. **O que é o semiárido?** Mons. Rodas. Monteiro - PB
- RUFINO, Joel. **Cultura Popular e Educação: Salto para o futuro**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145140LinguagensACP.pdf>>. Acesso em: 05 jun 2011.

SILVA, Gonçalo Ferreira da Silva. **Vertentes e evolução da Literatura de Cordel**. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.

SILVA, Andréa Betânia da. **O Trabalho com Cordéis em Sala de Aula: Pendurando Preconceitos e Colhendo Frutos**. Juazeiro: UNEB, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais16/sem12pdf/sm12ss02_01.pdf>. Acess em: 22 set 2011.

VIANA, Arievaldo. **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Encaixe, 2010.

ANEXOS

- 1) Você já leu algum exemplo de cordel?
- 2) Você gostou do cordel que você do cordel?
- 3) O cordel pode ser adotado para a sala de aula?
- 4) Quais seriam as vantagens de utilizar o cordel em sala de aula?